



TENTAR JÁ É TRIUNFAR: O MEU PERCURSO NA ECOLINGUÍSTICA¹

Adelaide Chichorro Ferreira (Universidade de Coimbra, Portugal)

Resumo: O presente texto corresponde a uma versão ligeiramente alterada da conferência apresentada aquando do V EBE, a 22 de outubro de 2022, e procura passar muito sumariamente em revista o meu percurso na ecolinguística, com algum enfoque naquilo que as máquinas raramente conseguem traduzir satisfatoriamente: a mais do que urgente poesia, repositório a não deixar morrer. Outra ênfase foi a questão do tempo, essencialmente no léxico (e muito menos na gramática), assunto que foi aliás tema de um outro congresso, em Graz, realizado em setembro de 2022, onde apresentei sensivelmente os mesmos conteúdos, mas em inglês.

Palavras-chave: Ecolinguística; O tempo; Meio ambiente; Percurso pessoal na Ecolinguística.

Abstract: This text corresponds to a slightly altered version of the conference presented at the V EBE, on October 22, 2022, and seeks to briefly review my journey in ecolinguistics, with some focus on what machines rarely manage to translate satisfactorily: the more than urgent poetry, repository not to let die. Another emphasis was the issue of time, essentially in the lexicon (and much less in the grammar), a subject that was dealt with at another congress, in Graz, held in September 2022, where I presented substantially the same contents, but in English.

Key-words: Ecolinguistics; Time; Environment; Personal journey in Ecolinguistics.

¹ Palestra proferida quando do V Encontro Brasileiro de Ecolinguística, em outubro de 2022

1. Árvores e tempo



Gostaria de iniciar a minha apresentação agradecendo o convite que me foi feito pelo colega Hildo Honório do Couto para participar nesta conferência, que se vem revelando tão esclarecedora e interessante. Hildo é presentemente um dos mais ativos cartógrafos da ecolinguística (Couto: 2007, por exemplo), e tem feito um trabalho excelente de interligação entre as várias vertentes desta multifacetada área de estudos, na qual eu própria sempre senti estar a dar um passo maior do que a perna, como resultará claro desta minha palestra.

Em primeiro lugar, apresento-vos uma imagem duma árvore que tenho no meu jardim. É um carvalho nativo espontâneo que se vem desenvolvendo bastante ao longo dos anos, tendo adquirido, entretanto, um belo porte, embora seja uma espécie de crescimento lento. Não o plantei: simplesmente aceitei que ele ali estivesse, o que se vem tornando relativamente raro (normalmente as pessoas plantam as suas árvores). Há mais de um quarto de século, aquando do primeiro congresso de ecolinguística a que fui (Fill:1996), a convite de Alwin Fill, este carvalho deveria ser uma árvore bem pequenina. Em Portugal há muitas árvores não nativas a crescer nas nossas paisagens, como é o caso dos eucaliptos e das acácias, espécies de crescimento extremamente rápido, hoje consideradas invasivas, e que são oriundas da Austrália. Esta diferença, por um lado, entre um crescimento muito rápido, encarado por ambientalistas como perigoso e destrutivo, devido à suscetibilidade destas espécies aos fogos florestais, e um crescimento lento, por outro, mas mais seguro e sustentável, é a primeira lição que provavelmente devo à ecolinguística, embora não exclusivamente a ela. É uma metáfora para o que for sendo apresentado nesta palestra.

O assunto que me move aqui, como sucedeu na conferência de ecolinguística realizada em Graz, na Áustria, em setembro de 2022, é o tempo, daí que a escolha deste exemplo, diretamente da natureza,

ECO-REBEL

corresponda a uma primeira abordagem a esta realidade interculturalmente tão diversa e frutífera. Tem de haver tempo para pensarmos sobre a língua, as línguas e as linguagens, e tem de haver línguas e linguagens para que possamos refletir no tempo e sobre o tempo. Por razões de espaço, darei neste trabalho maior destaque ao «tempo para a linguagem» do que à «linguagem para o tempo». Sabemos, por exemplo, quão importante é contar histórias, a crianças e a adultos, e isso não se faz sem tempo. Sabemos igualmente quão rica pode ser uma reflexão que não se fique pela rama, mas envolva toda a árvore ou mesmo o bosque. Ela requer uma perspetiva temporal mais ampla do que somente o momento presente. Devemos aprender com as árvores a respeitar os tempos da natureza, e para isso precisamos também de adquirir uma consciência mais clara acerca de como falamos sobre o tempo, nas nossas línguas. Desde logo, para que possamos perceber de que se fala ao certo quando sobre isso se fala. Porque o tempo dos físicos não é o das donas de casa, assim como o tempo numa pequena comunidade indígena, onde as pessoas nem costumam usar formas verbais do passado e do futuro, pouco ou nada tem a ver com o tempo dum engenheiro no centro da Europa ou nos EUA. Já lá iremos.

Pela estrutura da minha apresentação se depreende que a maior parte do tempo estarei a referir-me, de forma um tanto vaga porque é um percurso longo, à minha caminhada na ecolinguística, mas obviamente que isso não vai esgotar o assunto. Nem poderei referir-me longamente a tudo o que foi esta minha caminhada. Deixo-vos alguns momentos para consultarem o índice, pois a partir daí irão talvez perceber melhor o conteúdo desta palestra, à medida que o for explicitando. É que sou mulher de relacionar assuntos aparentemente díspares, o que pode por vezes dificultar a compreensão, mas devo isso ao *Zusammenhangwissen*, esse «saber de como as coisas estão imbricadas umas nas outras», de que falava Peter Finke, que muito me vem inspirando (FINKE, 2005, 2014, 2019).

Importa esclarecer que sou professora de linguística alemã e não de linguística inglesa ou portuguesa, e que leciono a alunos da licenciatura em Línguas Modernas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as disciplinas de Linguística Alemã 3 e de Tradução Alemão-Português. Doutorei-me, mas devido a uma série de fatores, entre eles o da falta de alunos com conhecimentos aprofundados de alemão, não dou presentemente aulas de mestrado ou de doutoramento na minha área, pelo que me vi obrigada a percorrer outros caminhos, o que também vai na linha de um *desideratum* da ecolinguística (de novo, em Peter Finke): o de sermos capazes de «olhar para além da borda do prato». Com efeito, venho lecionando a alunos estrangeiros uma cadeira chamada «Sociedade Portuguesa», sem me considerar propriamente socióloga. Como tenho apenas a meu cargo alunos de licenciatura, ou de cursos não conferentes de grau, não tenho supervisionado teses nem participado em cursos de pós-graduação, o que por vezes se vem revelando limitante, em termos de progressão na carreira. Quero com isto frisar, igualmente, que posso já não estar muito atualizada relativamente às últimas evoluções nesta nossa área de estudos, ou noutras afins. Em virtude deste conjunto de condicionalismos, por um lado é natural que me interesse por ecolinguística a

partir do ângulo da comparação ou contraste entre línguas. Por outro lado, sendo a ecolinguística ainda vista entre nós, um pouco, como assunto para excêntricos, é natural que me mova num equilíbrio precário entre o cultivo de interesses por vezes encarados como demasiado diferentes entre si. Em todo o caso, esta mistura é desafiante e confesso que me dá bastante gozo inspirar-me nas diferenças interculturais entre os meus alunos, de nacionalidades variadas, mas atualmente com largo predomínio da China. É nas minhas aulas, quando vem a propósito, que vou praticando um pouco a ecolinguística.

2. Léxico do tempo: uma questão cultural

Atentemos nestas palavras para «tempo»:

Alemão *Zeit* tem a mesma origem que o inglês *tide*. Inglês *tide*, maré, alemão *Gezeiten (Ebbe und Flut)*;
Inglês *deadline* = port. *prazo* = alemão *Frist* ou, também, noutro sentido, *Termin* (consulta, compromisso); veja-se o português *terminar* (na gramática, concluir ou terminar uma ação é vê-la como «perfeita»)
O termo português *prazo* rima com o português *atraso* «delay»! Pode a rima influenciar o pensamento?
Inglês: *three times, four times* – Alemão: *dreimal, viermal*, Português: *três vezes, quatro vezes...* (Nota: no inglês: *time* como marcador de ritmo...)
Ver ainda palavras como o português: *por vezes, algumas vezes, muitas vezes, frequentemente, devagar, lentamente, longamente*. Alemão: *manchmal, oft, langsam*.
Português: *tempo* - cronológico
Português: *tempo* - meteorológico (clima)
Alemão *Wetter* inglês *whether* (exprime incerteza) vs *weather* (tempo meteorológico)
Veja-se também: alemão *wittern* ou *wetten, dass...*: apostar; dimensão da incerteza; adivinhar o futuro!
Alemão *Tempus* (só para a categoria gramatical tempo), pl. *Tempora*
Português *têmpora* – alemão *Schläfe* (o lugar na cabeça onde podemos sentir se uma pessoa está viva, isto é, somente a dormir, ou morta; o mesmo procedimento serve para averiguar se alguém tem febre, colocando o dedo sobre a veia)
Alemão *Tempo* – a) ‘velocidade’, ‘ritmo’; b) marca de lenços de papel: nos alvares da industrialização, descartar era um sinal de progresso e de modernidade...
Alemão *Hochzeit* (literalmente: ‘tempo alto’ = ‘casamento’)
Alemão *Mahlzeit!* (literalmente: ‘refeição’ = diz-se muitas vezes com o sentido de ‘bom apetite’)
Alemão *Feierabend!* (lit. ‘anoitecer para celebrar’ = ‘momento em que se despega do trabalho’)
Português (recente): *boa continuação* (fórmula recente de despedida, interessantemente durativa...)

Toda esta série de palavras forma uma espécie de *cluster* ou nó aglutinador cujo tema é o tempo, nem que seja de forma marginal. Não estabeleci correspondências muito rígidas: apenas usei algumas vezes o critério etimológico e noutras recorri simplesmente à tradução, ou mesmo, num caso, à rima. Se em alemão dizemos *tide* para maré, não deixa de ser curioso que as marés tenham o nome de *Gezeiten* em alemão, estando o substantivo *Zeit* (‘tempo’) ainda relacionado etimologicamente com o termo inglês atrás referido. Isto porque a humanidade sempre dependeu da natureza, pelo menos em parte, para contar o tempo. Se *Wetter* (tempo, no sentido de clima) tiver um pouco a ver com *Wette* (‘aposta’), isto explica-se provavelmente com o facto de a nossa relação com as oscilações do clima envolverem a necessidade de previsão, já que o futuro é por norma desconhecido, e por vezes fazem-se apostas (*wetten, Wette*)

ECO-REBEL

relativamente a ele. Não admira, também, que o verbo aparentado *wittern* designe um cheiro, por exemplo a maresia, algo que ajuda a adivinhar ou intuir (*ahnen*), por exemplo, o tempo que irá fazer.²

É só para os tempos verbais que o alemão reserva o par *Tempus / Tempora*, herdado do latim, mas não deixa de ser engraçado que *têmpora*, em português, designe uma zona da cabeça onde se pode confirmar, colocando um dedo sobre a veia, se alguém está vivo, e apenas a dormir, ou se está com febre, porque esse é um lugar onde se sente o pulsar do sangue (como também acontece na zona do corpo humano a que, interessantemente, chamamos *pulso*). Ora um pulsar implica ritmo, frequência. Mais interessantes são ainda palavras alemãs contendo o elemento *Zeit* relativamente às quais não há uma tradução literal em português: *Hochzeit*, ‘casamento’ (à letra, o ‘tempo alto’), *Mahlzeit* ‘refeição’ (uma expressão que muitas vezes se usa com o sentido de ‘bom apetite’). Finalmente, aquela hora do dia que na Alemanha se designa por *Feierabend* (‘anoitecer para festejar’) pode até ser de manhã, desde que se aplique ao momento em que alguém despega do trabalho, uma hora certamente muito querida, quiçá propícia a festejos com uma caneca de cerveja. Nestes três últimos casos, não há equivalente estrutural em português.

Por outro lado, falamos de tempo de forma algo aterrorizante, porque me parece que já importámos a palavra inglesa *deadline*, que significa o momento em que alguma coisa tem de estar feita ou terminada, *otherwise* (gesto com a mão de cortar o pescoço). Se em alemão o mesmo se diz *Frist*³, o sentido desta palavra não deixa de estar próximo do de *Termin* (por vezes com o sentido de compromisso, por exemplo uma consulta médica). Ora, este termo remete para o cognato português *terminar*. Na gramática, diz-se dum ação concluída que ela é perfeitiva, isto é: «perfeita». Um claro enviesamento de natureza cultural? Já em português o termo para o conceito inglês *deadline* é *prazo*, algo que estranhamente rima, na nossa bela língua, com *atraso*. Também a iteração, e por conseguinte o ritmo ou a frequência de algo, se traduz em inglês por *time* (*three times, four times, etc.*), mas em português usamos com a mesma finalidade o termo *vez*, que associamos todavia à vez comunicativa ou ao *turn taking*, ao passo que em alemão temos o elemento *mal* (*dreimal, viermal*), também com o significado de sinal ou marca (os calendários são aliás feitos de sinais ou marcas um tanto arbitrárias ou convencionais, o que mais uma vez confirma que o tempo é, acima de tudo, algo de cultural, que pode variar um pouco de cultura para cultura). Para o inglês, língua em que primeiro floresceu o rock, concluo que *time* é ritmo, e algo de semelhante acontece com o alemão, mas noutra ponta do léxico.

Se a palavra portuguesa *tempo* remete em simultâneo para as ideias de cronologia e de meteorologia, donde que mais uma vez estamos perante um vestígio claro da nossa relação com a natureza,

2 *wittern*, segundo o *google translator*: «durch den Geruchssinn etwas aufzuspüren oder wahrzunehmen suchen; einen durch den Luftzug herangetragenen Geruch mit feinem Geruchssinn zu erkennen suchen».

3 Sobre a questão do tempo e dos prazos, leia-se (Weinrich:2004).

ECO-REBEL

o mesmo não se passa nem em inglês nem em alemão, sendo que nesta última língua o cognato *Tempo*, importado do italiano, aliás dum domínio como a música, significa hoje velocidade ou aceleração. Tem lógica: quantas vezes por minuto roda o pneu do carro é algo que nos dá a sua velocidade. Desde logo, a marca de lenços de papel que em alemão tem este mesmo nome assinala verbalmente a necessidade de as pessoas, com a industrialização, se adaptarem à vida moderna, em que deixou de haver tempo para tratar devidamente dos lenços de pano reutilizáveis de antanho, porque tudo passou a ser literalmente feito a correr. É talvez porque não gosto de fazer tudo a correr que aprecio a expressão belamente durativa *Boa continuação*, que nos últimos anos se vem ouvindo em português de Portugal, em jeito de despedida, um pouco como quem abrevia a partir do seguinte: «bom, vou-me embora, mas tu, continuas lá o que estás a fazer, em paz e de preferência sem demasiadas interrupções, todavia úteis para dois dedos de conversa».

3. Tempo é assunto de gramática

Poderia neste capítulo referir-me, com exemplos, a situações em que a língua portuguesa se vem simplificando, ao nível do uso que as pessoas, sobretudo em contextos de migração (que são cada vez mais frequentes), fazem da conjugação verbal, seja ao nível das terminações de número e pessoa, seja também no que toca ao grau de complexidade do sistema de tempos e modos verbais. Não é incomum ouvir na voz de algum emigrante formas do pretérito referindo-se ao futuro, pelo que é possível que estas simplificações devido ao contacto linguístico afetem o modo como se pensa acerca do mundo. A única solução parece-me ser continuar a ensinar o sistema, da forma o mais simples e lógica que nos for possível, garantindo acesso à educação para todos.

Outro domínio muito característico do português é o das chamadas perífrases verbais, que nos dão conta do modo *nuanceado* como concebemos os eventos no tempo, quer apresentando-os como durativos ou pontuais, quer como incoativos (focados no início do processo), etc. Comparativamente com o alemão, o português é uma língua riquíssima nesse tipo de estruturas (ver exemplos a seguir), mas por vezes pergunto-me se as gerações mais jovens, cada vez mais expostas através dos media ao inglês, acabam dominando essas estruturas ao ponto de delas tirarem o melhor partido expressivo. Também este seria um tema interessante, mas que daria um artigo só por si, pelo que não é minha intenção abordá-lo neste contexto.

Alguns exemplos de perífrases verbais do português, nem sempre fáceis de traduzir

Ir + para: Ele ia para preencher o formulário quando lhe disseram que não era esse.

(= Ele tinha a intenção de preencher o formulário, mas acabou por não o fazer.)

Ir + ger. 1: Ele ia preenchendo o formulário enquanto ela cantava.

(= ele preenchia lentamente o formulário durante o tempo em que a canção durou).

Ir + ger. 2: Ele ia caindo das escadas quando ela entrou.

ECO-REBEL

(= ele não caiu das escadas, mas quase...He nearly fell down the stairs)

Ficar + por + inf: O formulário ficou por preencher (não foi preenchido, passive voice)

Acabar + de + inf.: Ele acabou de preencher o formulário (he has just filled in the form)

Acabar + por + inf. : Ele acabou por preencher o formulário (he ended up filling in the form)

(ligeiramente diferente de: Ele sempre preencheu o formulário⁴.)

4. O tempo também é biografia

Falar de tempo e línguas é falar de tudo isto, mas também é remeter para as nossas vidas, numa perspetiva mais (auto)biográfica. E é o que farei a partir de agora, porque mais do que de linguagem para o tempo, preciso de usar aqui o tempo para a linguagem, mesmo sobre assuntos pouco usuais em textos científicos. À cautela, uma vez que o recurso ao pronome pessoal de primeira pessoa não é muito bem-vindo no discurso académico (assim como metáforas e um estilo mais narrativo), remeto para um poema de Hans Magnus Enzensberger (ENZENSBERGER, 2003), do seu magnífico livro *Die Geschichte der Wolken*, que, para o congresso de Graz (setembro de 2022), até traduzi para inglês com o Google translator, apenas com uma pequena correção minha. Isto para que se perceba que não é minha intenção falar de mim, uma vez que só o faço porque o que se passou comigo é porventura generalizável a muitos outros casos.

der Autobiograph

Er schreibt über die andern,

Wenn er über sich selbst schreibt.

Wenn er nicht über sich selbst schreibt.

Wenn er schreibt, ist er nicht da.

Er verschwindet, um zu schreiben.

In dem, was er schreibt, ist er verschwunden.

Er schreibt über sich selbst,

Wenn er da ist, schreibt er nicht.

Er schreibt, um zu verschwinden.

o autobiógrafo

Ele escreve sobre os outros

Quando ele escreve sobre si mesmo.

Ele escreve sobre si mesmo

Quando ele não está escrevendo sobre si mesmo.

Quando ele escreve, ele não está lá.

Quando ele está lá, ele não escreve.

Ele desaparece para escrever.

⁴ A palavra *sempre* não é neste caso um advérbio traduzível por *always*, no inglês, ou *immer*, no alemão, mas antes uma partícula modal, que permite concluir o seguinte, na frase indicada: a) estava inicialmente previsto que ele preenchesse o formulário; b) depois houve uma mudança de planos e ele supostamente não o preencheria; c) de novo se verifica uma mudança de planos e ele acabou por o preencher.

ECO-REBEL

Ele escreve para desaparecer.
No que ele escreve, ele desapareceu.

Tal como o *ele* lírico do poema (que a meu ver se poderia ser um *ela*), também eu senti muitas vezes vontade de desaparecer para as minhas palavras, ou mesmo de desaparecer de dentro delas. Talvez seja a isto que se chama escrever de forma pouco convencional, e foi realmente isso que me aconteceu ao longo dos anos. Passei a adotar registos não estritamente académicos e formas de escrita que foram ficando inerentemente inacabadas. Por outro lado, uma pessoa que se dedique à tradução «desaparece», por assim dizer, do produto acabado, que é de outra autoria. Traduzir é para mim assumir a voz de outrem, não a minha. A menos que proceda não a uma tradução, mas a uma transcrição.

5. *Fast language*: a rapidez da tradução automática

A propósito da minha tentativa de tradução automática do poema acima primeiro para inglês, e depois para português, cujo resultado, apenas com uma pequena correção, neste último caso acabei de transcrever, diga-se que recorri a este expediente, primeiro com vista ao congresso de Graz em setembro de 2022, porque o inglês não é a minha língua «natural», nem o é o português artificioso de muita escrita académica, para me reportar a um dos ecolinguistas que mais me marcaram, Adam Makkai (MAKKAI, 1993), que distinguia em 1993 entre «natural e artificial languages». O facto, porém, é que fiquei fascinada com a rapidez e desenvoltura do tradutor informático, o que contraria a ideia que eu fazia acerca da impossibilidade de por esta via se alcançarem resultados satisfatórios (ainda que necessitando, muitas vezes, de pós-edição). Esta constatação, confirmada por situações recentes em que venho recorrendo a tradutores automáticos até mesmo para comunicar com refugiados ucranianos, fez-me lembrar que comecei a minha carreira académica, precisamente, participando num projeto ligado a este tipo de tradução (o projeto EUROTRA). Cedo me apercebi, todavia, de que havia mais mundo na Linguística para explorar. Bem ao contrário do que acontecia nos seus primórdios, a tradução automática é hoje muito rápida, e há obviamente muita procura para a *fast language*, tal como para a *fast food*, o que não me impede de considerar que este recurso deixa muito a desejar para algumas coisas, como a literatura em geral e a poesia em particular, se é que esta última vai sobreviver. Não basta salvar línguas: há que salvar partes essenciais do uso das mesmas, que requerem tempo. Entendo que doravante este constituirá um desafio muito relevante para as ciências da linguagem em geral, e para a ecolinguística em particular.

6. O (meu) começo na ecolinguística: *Straßenbegleitgrün*, palavra datada

Passarei agora a referir-me ao início do meu percurso dentro da própria ecolinguística, que começou com a leitura da obra de Wilhelm Trampe, de 1990, *Ökologische Linguistik* (TRAMPE, 1990). Através

ECO-REBEL

dela, pela primeira vez associei os dois termos *ecologia* e *linguagem*. De facto, uma das palavras mais utilizadas em ecolinguística deve ser o próprio termo *ecologia*, que encontramos já em E. Haugen (HAUGEN, 1972), e que Trampe também aplica à linguística. Em muitas áreas do saber o mesmo sucede hoje, pelo que, recorrendo agora a um termo técnico da área da ecologia usado por Trampe, penso até que o termo *ecologia* se eutrofizou. Eutrofização é o processo pelo qual uma planta prolifera num curso de água de tal forma que sufoca toda a vida em redor de si mesma. Transposto para a linguagem, o fenómeno ocorre quando uma expressão, por exemplo *desenvolvimento sustentável*, é usada por tanta gente, e em circunstâncias tão diversas, que depois perde o seu sentido primordial ou mais importante. Será isto que também está a acontecer com o termo *ecologia*, na ecolinguística e não só? Não creio: precisamos de mais, não de menos ecologia. No entanto, por vezes pode suceder que «quanto mais palavra, menos coisa», sendo o inverso, «quanto mais coisa, menos palavra», possivelmente também verdadeiro.

Muitos dos vocábulos que Trampe usava como exemplos – e eu sou uma pessoa que pensa com exemplos – eram para mim estranhos, ou pelo menos eu desconhecia algum conteúdo que em português lhes correspondesse. Assim, outro termo interessante em Trampe é *Straßenbegleitgrün* (‘o verde que acompanha ruas’). Eis aqui uma cultura, um ambiente, uma atitude, assim como uma perspetiva temporal bem diferente das que eu tinha na altura: tudo isto se encontra expresso numa só palavra. E porquê? Treinada como tenho sido na área da tradução, a minha tendência natural é procurar encontrar significados no meu contexto para certos significantes ouvidos ou lidos em alemão. Ora, naquela altura eram ainda poucas as ruas novas em Coimbra decoradas com «mobiliário» vegetal. As pessoas nem sentiam essa necessidade do ‘verde que acompanha ruas’: o conceito não ocorria no seu inventário mental, e, como tal, a palavra também não. Foi a expansão urbana que trouxe a necessidade de vender a urbanização como mais verde, daí o surgimento desta palavra em alemão, que tem uma conotação negativa, segundo me disseram, de «termo de especialistas em urbanismo» (num contexto de crítica ecologicamente fundamentada de algum saber de especialistas). No meu país, que eu notasse, as pessoas do meu meio também quase não falavam nesses idos anos 90 de energia nuclear e de temas conexos, aos quais Wilhelm Trampe se referia muito criticamente no seu livro, a propósito dos exemplos que escolhia.

Agora há mais abertura para esses temas entre nós, e também se discute muito, por sinal, o ‘verde que acompanha ruas’. No dia em que proferi esta apresentação, houve mesmo um cordão humano para salvar árvores em Coimbra, ameaçadas pela expansão do metrobus na cidade, que, correspondendo embora a uma realidade positiva por retirar previsivelmente muitos automóveis das ruas, reduzindo as respetivas emissões, acarreta não obstante a necessidade de substituir canalizações por outras mais modernas, o que afeta as raízes das árvores, pelo que está previsto que se cortem muitas em algumas ruas por onde o referido sistema de transporte passará, o que desagrade a muita gente. Creio que mesmo assim não chegou ainda a Portugal a carga negativa do termo alemão *Straßenbegleitgrün*: nomeadamente, a que decorre de se

ECO-REBEL

presumir que a estrada ou rua seja vista por urbanistas como mais importante do que a própria natureza, sendo por conseguinte para estas pessoas este tipo de invasão do campo um mal não a combater de raiz, abdicando da estrada ou da rua, mas meramente a mitigar por eufemização, através da plantação de alguma verdura ao longo da mesma.

Este e outros exemplos, em Trampe e noutros autores germanófonos, mostram que há um desfazamento temporal economicamente determinado que afeta os «mesmos» discursos em diferentes línguas / países. Outro exemplo: quando achei que era entre nós urgente decalcar o termo *Klimakatastrophe* do alemão, falando eventualmente em *climacatástrofe* (nota: este termo ainda hoje não é recorrente em português: a norma rejeita-o, se bem que o sistema da língua o aceite), a mim pareceu-me que nos focámos em Portugal muito mais em «temas fraturantes» ligados à sexualidade (sobretudo a partir de 1998). Inicialmente pensei tratar-se duma manobra de diversão, mas posso estar enganada. A verdade é que essa agenda, tal como a do clima, era internacional, mas de facto abafou durante bastantes anos temas de cariz ambiental (também eles com repercussões inclusivamente na sexualidade humana, como no caso dos chamados disruptores endócrinos, causadores de anomalias e até de infertilidade). Só nos últimos anos estão de novo a ressurgir as temáticas de cariz mais especificamente ambiental, substancialmente alteradas por influência desses outros discursos. Não é de admirar, pois as línguas e as comunidades que as falam são diversas e dinâmicas. Quero com isto dizer que não é possível, muitas vezes, decalcar *ipsis verbis* duma língua para outra. Tradução é mais do que mero decalque.

7. Depois do convite de Alwin Fill, língua desperdiçada?

Depois da leitura de Trampe seguiu-se o contacto com a obra pioneira de Alwin Fill, *Ökologuistik* (FILL, 1993). Nela o autor especifica uma série de âmbitos em que a análise ecolinguística se move ou poderia mover-se, não excluindo as questões de género. Fill é dos poucos ecolinguistas da primeira geração que explicitamente toma em consideração esta dimensão importantíssima. Fiquei aliás entusiasmada por poder vir a trabalhar numa área aliciante que me permitia aproveitar produtivamente o manancial de experiência que como ambientalista vinha adquirindo. Em 1994-95 cheguei mesmo a telefonar ao autor, que logo me convidou para o encontro de ecolinguística em Graz 1995. Nesse telefonema, apresentei-me como ativista contra o lixo em Portugal. Em Coimbra houve de facto uma grande controvérsia em torno da (co-)incineração de resíduos, envolvendo ativistas de várias cores políticas (FERREIRA, 2006). Hoje pergunto-me se esse investimento em ativismo terá sido linguagem minha desperdiçada.

Até 1995 eu tinha traduzido a estratégia da cidade alemã de Münster para lidar com os resíduos sólidos urbanos, a pedido duma associação de engenheiros de ambiente, e além disso havia proferido uma conferência no Goethe Institut local acerca de embalagem e *greenwashing* (FERREIRA, 1992/3?). A

questão é que, alguns anos depois deste pequeno evento, o Goethe Institut deixou de existir em Coimbra. Curiosamente, no edifício onde esta instituição alemã estava implantada passou a estar sediada, até há bem pouco tempo, a firma responsável pela recolha de lixo na cidade de Coimbra. Na verdade, estabeleço aqui obviamente uma correlação subjetiva, sem significado causal: a história mais ou menos oficial que se conta é que, com a queda do muro de Berlim, foi necessário expandir para leste, pelo que inevitavelmente se encerraram algumas delegações mais a ocidente. As minhas tentativas de associar crítica da linguagem à temática do lixo poderão ter sido apenas uma ínfima gota num oceano de outros fatores, e em boa verdade estou muito grata a todas as aprendizagens subsequentes em ecolinguística, pelo que não me é fácil escolher o que foi para mim mais marcante. Necessariamente estou a deixar muitos autores, textos e eventos de fora.

8. Jogos de poderes, de 2003 a 2018

No período que se seguiu à leitura da *Ökolinquistik* de Fill e à aquisição do primeiro *Ecolinguistics Reader* (FILL; MÜHLHÄUSLER, 2001), organizado conjuntamente por Alwin Fill e por Peter Mühlhäusler, alguns jogos de poder(es) interferiram com a minha carreira. De 2003 a 2018 não tive muito descanso: fiz o meu doutoramento em 2003 (FERREIRA, 2003), tentando apresentar o que (para mim) era a ecolinguística com que havia contactado através de vários colóquios a que fui, mas o facto é que fui contestada. Na tese, com muitas palavras em alemão (língua tida entre nós por difícil), eu criticava as energias fóssil e nuclear, defendendo os direitos das mulheres, inclusivamente em matéria de aborto, e chegava a aludir a um trabalho (THOLSTRUP, 1996) em que se apresentava o parto no domicílio como algo empoderador (por analogia para com o que ainda se vai praticando em certos círculos no norte da Europa). Fui obviamente vista como excessivamente emotiva, mas, se fosse hoje, provavelmente teria sido mais cuidadosa. Não que discorde do que escrevi, apenas considero que deveria ter tido mais atenção ao contexto português em que academicamente me inseria. Na verdade, empolguei-me com a ecolinguística e deixei um pouco o coração guiar o meu pensamento, e não apenas a cabeça. Além disso, não me preocupei muito com o destinatário da minha dissertação, que obviamente não podia ser, na minha universidade, a comunidade ecolinguística, toda ela à época residente fora de Portugal. Ainda se tentou que alguém nessa comunidade internacional viesse arguir a tese, mas era inviável, por causa da língua: ao contrário do que já há muito sucede em áreas como a informática, eu tinha de defender a tese em português. Sendo uma área quase desconhecida, a ecolinguística era ainda olhada de lado, na pátria de Camões.

Mais tarde, em 2008, quase «falhei» outra vez, quando me candidatei à nomeação definitiva, embora tivesse até aí publicado com relativa abundância. A minha interpretação é a de que, não obstante os meus

ECO-REBEL

muitos defeitos, metodológicos e não só (que só por si seriam suficientes), terá sido preciso um bode expiatório para testar certas mudanças burocráticas, muito contestadas, que se vinham concretizando com a reforma de Bolonha, e eu obviamente que era um alvo, pois estava casada com o «poder». O meu marido, que fora um ambientalista bem mais ativo do que eu, era nessa altura decano da maior faculdade de Coimbra, vindo mais tarde a ascender ao cargo de reitor. De novo, tive de me defender, e lá me fui aguentando. Chegaram a tentar separar-nos com cartas anónimas e notícias falsas na imprensa local, algo que, entretanto, me apercebo de que ocorre com certa frequência nas elites.

9. 2010-2020, quase só jogos de palavras...?

De tudo isto houve sequelas, claro. Entre 2010 e 2020 pode até parecer que, na minha produção textual, quase só entrei em jogos de palavras. Na verdade, em parte assim foi. Só no ano de 2019 publiquei 3 livros em formato online: um de poesia (em inglês e em alemão) (FERREIA, 2019a)), uma coletânea de textos breves de opinião sobre ambiente na imprensa local (FERREIA, 2019b)), mas escritos com algum humor, e uma novela (ou paródia) (FERREIA, 2019c)), imaginando a minha cidade, Coimbra, debaixo de água devido às alterações climáticas e a uma rutura numa barragem. Criticava com um humor por vezes sarcástico a forma superficial como tópicos muito sérios como as alterações climáticas tendiam a ser discutidos entre ambientalistas e outros especialistas ou políticos, que preferiam envolver-se em causas mais fáceis ou consensuais do que aquelas em que me envolvi. Inventei assim uma personagem, Chuva, uma espécie de alter-ego meu, por analogia antinómica para com os verbos meteorológicos (*chover, nevar...*), que são sempre impessoais.

Uma outra personagem do livro é Vice-Verso, uma pequena entidade que está permanentemente a rimar (talvez um outro alter-ego meu). Na história há ainda uma mulher que não é uma feminista normal (ou talvez seja), e que tenta salvar toda a gente, juntamente com um turista australiano e uma migrante romena, também eles apanhados pela lama. Em plena catástrofe, sobrevivem na cidade alagada usando fornos solares e cultivando em pequenos recantos alfaces, couves e feijões. Apesar da tragédia, a atmosfera é, ironicamente, «positiva», e aqui se revela uma crítica às narrativas de cunho cor-de-rosa com que as matérias ambientais se tendiam a confundir, omitindo as verdades mais duras. O livro termina com a catástrofe dos fogos florestais, por isso Chuva é bem-vindo para lidar de forma original com o problema que criou (seja Chuva uma pessoa ou um mero fenómeno atmosférico). Vice-Verso, esse, é uma espécie de símbolo para a poesia que ainda tenho na gaveta, infelizmente. Não que me tenham impedido de publicar, antes fui eu que não me organizei suficientemente para isso. Ainda assim, considero esta narrativa, reconstruída a partir de diversos fragmentos em formato digital, uma novela documental: tratou-se

efetivamente de documentar uma época, primeiro dominada pela minha participação cívica através do correio eletrónico, e depois por via do Facebook, plataforma esta que ainda hoje utilizo, embora muito menos do que nesses tempos.

10. 2015-20: menos palavras, alguma comida e... desenhos?

Mea culpa, portanto. Sem praticamente *feedback* nenhum relativamente aos meus livros, o que se compreende, desde logo porque nem nunca cheguei verdadeiramente a lançá-los oficialmente (apenas existe uma edição online), não admira que em 2020-2022 eu ficasse doente, muito por excesso de trabalho (deixei, de facto, muitos outros textos iniciados na gaveta). Porventura devido à minha crónica falta de publicação canónica, não tive uma avaliação relevante, mas é verdade que publiquei pouco, e que o meu estilo não é puramente académico, no sentido convencional.

A minha vontade, em muitas ocasiões, era ficar em silêncio, e plantar comida em vez de palavras. Como consequência da ecolinguística (Peter Mühlhäusler⁵ e outros), mas também devido à influência de alguns membros da família, o facto é que iniciei em 2009 o processo de viver perto do campo, numa casa com algumas características passivas, mas a cidade tem vindo a espriar-se quase até ao sítio onde vivo. Através da minha atividade de compostagem, fiquei interessada em agroecologia, como uma espécie de *hobby*, daí que alguns dos meus sobreiros tenham crescido bastante devido aos restos vegetais de minha casa. Na verdade, tenho pouco tempo para o jardim. Faço o mínimo, apenas, mas tenho esperança de que esse pouco possa representar uma forma de suficiência, no sentido da permacultura: *high information, low labour*.

A conciliação do trabalho académico com a pequena agricultura acabou tornando-se quase impossível, todavia: sou mãe de quatro homens, todos eles muito ocupados, e agora já sou avó também. A agricultura continua a não ser levada a sério, entre nós, especialmente no meu meio social. Pouquíssimos alunos escolheram este ano a frequência de cursos de agronomia ou silvicultura. Assim, vou olhando para as minhas árvores, enquanto crescem, mas tornei-me algo cética acerca do poder da linguagem para mudar o mundo. Como na vida há sempre um plano B para tudo, agora também «desenho» as minhas conclusões (literalmente, *I draw my conclusions*), em vez de as deixar eternamente na gaveta (*in the drawer*). Enquanto vos mostro um desenho meu, que nos fará talvez entender melhor a relação entre lixo e agricultura, conto-vos de seguida um episódio que se passou numa das minhas aulas.

⁵ Foi basicamente através dum comentário de Mühlhäusler sobre permacultura, feito num dos congressos a que fui, que pela primeira vez tomei contacto com esta abordagem que alia a arquitetura à agricultura (ver também (MOLLISON, 1994; HÖLZER, 2008).

ECO-REBEL



«Senhora professora, porque não aprende um pouco de agricultura, antes de falar sobre isso? Há uma ótima escola de agricultura em Coimbra, onde poderia confrontar-se com a realidade nua e crua...» Foi isto que ouvi a um dos meus alunos quando estava a tentar explicar o conceito de suficiência (que herdei de Peter Finke) com base nos meus desenhos de cavalos e em vários exemplos da vida social em Portugal, no tal curso de Sociedade Portuguesa que leciono para estudantes estrangeiros. Inspirei-me, em parte, no vale de Foz Côa, em Portugal, onde foram encontrados desenhos de animais com mais de vinte mil anos, num sítio onde esteve inicialmente planeada uma grande barragem, sem que tal intuito se tenha concretizado, para preservar este achado arqueológico. Será então a suficiência o mesmo que prescindir de energia, e de progresso? Em alguns casos sim: a melhor energia é a que nem precisamos de produzir. A própria língua e cultura são *energeia*, e não apenas produto acabado, *ergon* (HUMBOLDT, 2002). Ora, eu uso atualmente não só língua, mas também imagens para falar de suficiência. Como podem constatar pelo meu desenho, no caso da agricultura, a suficiência tem a ver, por exemplo, com evitar pesticidas químicos, assim como maquinaria pesada (daí o cavalinho⁶), pois destroem a vida do solo, indispensável para o crescimento das plantas.

⁶ Desenhar começou por ser uma forma de terapia para mim. Comecei a desenhar cavalos a partir de 2015, altura em que parti um braço. Sempre admirei estes belos animais, que via passar nas traseiras da minha casa, em Santarém, montados por militares, quando era miúda, ainda durante a guerra colonial. Não devemos associar estes animais apenas a guerras e a poder. Para certas atividades agrícolas, o cavalo pode ser mais vantajoso (porque menos pesado) do que grandes tratores, que compactam muito o solo, matando a vida nele existente. Daí este desenho, em concreto.

11. A urgência na poesia e o meu «preguiçoso» ativismo

Ora, a suficiência, nos primeiros anos de aprendizagem duma língua, diz também respeito a ser capaz de recorrer a um mínimo de vocabulário e de gramática na língua estrangeira dos estudantes (sou forçada a isso, em níveis iniciais de aprendizagem), mas se algo assim sucedesse em todas as matérias do curso de Línguas Modernas em que leciono, e se não houvesse nas línguas com que trabalhamos textos interessantes, poderia tornar-se muito aborrecido. Vou deixar-vos agora com um poema do grande poeta alemão Heinrich Heine (HEINE, 1844; FERREIRA, 2007), acerca do tempo, em tradução minha, com rima (aqui o Google tradutor iria certamente falhar). Mesmo contendo alguns arcaísmos, costumo usá-lo para treinar contrastivamente com os meus alunos os tempos verbais do alemão.

Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios
https://de.wikisource.org/wiki/Sag%20%80%99_mir_wer_einst_die_Uhren_erfund

Quem foi que inventou os relógios, diz?
O tempo cortado em horas, minutos, quem quis?
Foi um homem frio que p'la noite invernosada dentro
em cisma triste, sentado, lá fez surgir tal invento.
E contava dos ratos o clandestino chiar
e do caruncho o tão pasmamento picar...

Diz-me quem foi que em tempos o beijo criou?
Foi uma boca feliz que em branda brasa folgou...
Beijava só, sem pensamento ou ensaio.
E tudo se passou num bonito mês de maio:
Da terra saltou um arco-íris de flores
O Sol riu-se, e as aves trinaram p'las cores.

Se repararmos bem, para sabermos as horas em alemão costumamos perguntar *Wie spät ist es?* À letra: *quão tarde é?*, e nunca *quão cedo é?* Isto acontece devido ao proverbial apreço germânico pela pontualidade. Em português simplesmente perguntamos, algo descontraidamente, *que horas são?* Quando uma coisa é urgente, ou quando algo começa ou termina, ouvia-se muitas vezes, outrora, um sino ou campainha. Não admira, pois, que o termo inglês *clock* (relógio) seja ainda aparentado com o alemão *Glocke* (sino). Ora, o nome dado pelos estudantes de Coimbra ao sino da torre da nossa universidade é ecolinguisticamente relevante: *cabra*. Isto porquê? Porque não queriam acordar cedo para ir para as aulas, é claro. É este também o nome do jornal dos estudantes, na nossa universidade. Chamar *cabra* a alguém continua a ser um insulto, de que o pobre animal não tem culpa nenhuma e que revela um arreigado machismo, mas não desenvolverei esse tema aqui.

ECO-REBEL

Como este exemplo bem demonstra, a relação com o tempo e, em especial, com a pontualidade, deixa «resíduos» em várias culturas, havendo mesmo dentro duma mesma cultura posições diversas (como vimos através do poema de Heine, nem todos os alemães gostam assim tanto de relógios...). Muito mais haveria a aprofundar acerca do léxico do tempo em alemão e em português, duma perspectiva contrastiva, que nos ajuda a perceber melhor a nossa própria língua, na sua idiomática. Ocorrem-me ainda, como base para estudos (inter)linguísticos subsequentes, expressões (algumas com interessantes diminutivos ou aumentativos) como

já, ainda, logo, logo agora, ainda agora,
depressa, à pressa a horas, a desoras, na hora, em cima da hora,
tenha uma boa hora / uma hora pequenina (= que o parto corra bem!)
a tempo, atempadamente, pontualmente, assiduamente,
o mais tardar
Tarde, cedo
Manhã, manhãzinha, aurora, madrugada, amanhecer,
tarde, tardinha, tardada, entardecer, lusco-fusco, anoitecer,
noite, ir para a night, noitada
Pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar, ceia
almoçarada, jantarada
Bom dia, boa tarde, boa noite, boa continuação...
Até amanhã, até logo, até mais tarde, até mais ver, até ver

Sabemos que as horas das refeições, por exemplo, marcam os ritmos do dia para muitas populações, pelo que também incluo estas designações no rol de expressões para tempo. A hora de ir dormir ou o *script* relativo ao sono em diferentes culturas pode também variar. Assim, não admira que para a comunidade indígena dos Pirahã no Brasil algo como «boa noite» seja o equivalente a «Don't sleep, there are snakes...», como nos conta (EVERETT, 2009).

Porém, que dizer da pontualidade da própria natureza? Foi esta mais uma das lições que a minha passagem pela agricultura me ensinou. As plantas têm alturas certas para florescer ou dar frutos ou sementes (diz-se por exemplo das favas, em Portugal: *Maió as dá*, *Maió as leva*, e há todo um manancial de conhecimentos nestes provérbios agrícolas). Eis, portanto, mais um poema de Enzensberger (ENZENSBERGER, 2004), cuja tradução automática não forneço, pois estropiou o original bem mais do que seria aceitável. Nesta (talvez) transcrição ainda inédita, feita ao longo dos anos nas minhas aulas de tradução a partir do original alemão (o tradutor automático transpôs *máquina do clima* para *air conditioner*, o que não funciona aqui, a par de outros erros!), confrontamo-nos com a ideia dum planeta que é equiparado a uma cozinha onde reina uma cozinheira intempestiva. Considero, efetivamente, esta versão portuguesa uma transcrição, uma vez que, entre outras modificações (traduzi por exemplo *Dill*, 'aneto', tempero pouco conhecido em Portugal, por salsa, frequente na nossa gastronomia), em alguns versos me entretive a pôr rimas e aliterações, sem que existissem no original. Malhas que Vice-Verso tece...

ECO-REBEL

Klimamaschine

Falsch! Es ist eine alte Küche
und keine Maschine. Es dampft,
es brodeln, es glüht und gefriert.
Launisch und unermüdlich
ist sie, die stürmische Köchin,
bleibt unsichtbar, läßt sich
nicht gern in die Töpfe gucken,
wäscht, dünstet und röstet uns,
wettert und schäumt. Oh,
sie kocht auch nur mit Wasser
und Gas!

Arme Wissenschaft,
die mit roten und blauen Pfeilen,
Meßfühlern, Rechnern und Sonden
aus ihrem Kaffeesatz liest!
Geheime Rezepte, je nach dem Stand
der Gestirne, vom Mist abhängig,
vom Dreck, vom vulkanischen Brei.
Pünktlich zaubert die Köchin
den Reis herbei, den Dill, die Vanille.
Unberechenbar rührt sie die Welt um
mit ihrem riesigen Löffel.

Máquina do clima?
Transcrição por Adelaide Chichorro Ferreira

Falso! É uma cozinha antiga
e não uma máquina. Há brumas de vapor,
brasas ardentes, o caldo borbulha, o briol congela.
Tem os seus dias, coitada, mas lá incansável
é ela, a intempestiva cozinheira.
Gosta de ficar invisível, não deixa
que lhe espreitem a arte nos caldeirões.
Lava de barreira, estufa na panela, põe-nos a gratinar.
Pragueja, espumando muito, e troveja. Oh,
cozinha é só com água,
como nós, e com que gás!*

Pobre Ciência,
que com setas vermelhas, azuis,
precisos sensores, sondas, computadores,
lhe lê o futuro nas borras do café!
Secretas receitas, criadas ao sabor
dos astros, mas que do estrume dependem,
do lixo, do magma em puré.
Pontualmente, a magia dessa mulher
faz surgir o arroz, a salsa, a baunilha.
Imprevisível, o mundo todo ensarilha
ao mexê-lo com a gigantesca colher.

*Alternativa mais fiel ao sentido do idiomatismo original seria, neste verso, o seguinte:
Como nós, só cozinha com água e gás! (= no fundo ela é como nós, ou seja, não é nada de especial).

Será este um poema feminista de H. M. Enzensberger, pelo facto de o planeta, assim como possivelmente o clima, serem associados a uma mulher? Mas então porquê um título algo «tecnocrático», que desde logo o primeiro verso rebeldemente nega? Tratar-se-á aqui de um apelo à urgência na ciência e na política, em prol da resolução dos problemas climáticos atuais? Deixo aos meus leitores a conclusão,

ECO-REBEL

mas prefiro referir-me agora, de novo, ao nosso modo tão português de lidar com as questões da urgência, o qual me afeta a mim, bem como à minha escrita.

Agora que já nos deparámos com um poema sobre relógios, assim como acerca da «ditadura» que eles nos impõem, e tendo já analisado um outro poema sobre o planeta, transfigurado numa velha cozinha, onde uma cozinheira produz – pontualmente – a comida de que nos alimentamos, dou-vos também a conhecer uma canção dum grupo português conhecido por Deolinda, que espelha os dilemas que tanta vez tive, ao longo da vida, quando se tratava de alinhar com movimentos sociais em prol do ambiente. Não pelas razões invocadas na canção, mas por outras, que se prendem com o facto de ser mãe, muitas vezes o meu ativismo foi mais de boca ou de palavras do que de facto. A vida, tal qual ela é, sempre interferiu com a minha possibilidade de me dedicar às coisas da ecologia.

A canção é, portanto, uma sátira a propósito da suposta incapacidade organizativa dum certo tipo de portugueses (nos quais me incluo), mas diz muito acerca da mentalidade de ficar na retranca e só depois «lá ir ter», bem como acerca dos motivos tantas vezes fúteis para assim se proceder. Neste «agora sim» da canção, que se repete ao longo do texto, há muito entusiasmo, logo seguido de desmotivação e preguiça, no «agora não» que se lhe contrapõe, verso a verso. É, pois, uma canção a propósito do sentido da urgência (ver HARRÉ et alii, 1999), ao ponto de os autores se perguntarem se há línguas que tenham um marcador específico de natureza gramatical para assinalar esta espécie de categoria temporal. Marcadores lexicais de urgência são palavras como *imediatamente*, no português, ou *sofort*, no alemão, mas diria que também o advérbio *agora* funciona dessa forma, na letra desta canção. Nos dias de hoje a urgência é frequentemente invocada, para lidarmos com as questões do nosso dia-a-dia profissional, mas também nos contextos em que o assunto é o clima ou a perda de biodiversidade isso vem acontecendo, de forma cada vez mais premente e incompatível com demasiadas lucubrações filosóficas (*the clock is ticking* ou *es ist fünf vor Mitternacht* são expressões recorrentes em textos de ativismo ambiental). É uma pena que, mesmo com este intenso apelo a que nos embrenhemos no agora das lutas e das causas, haja tantas vezes alguma coisa de importância relativa que nos faz desistir, algo que deve obviamente ser corrigido. Porém, nem só de manifestações de rua vive o ativismo ambiental. Outras formas mais discretas de agir são igualmente possíveis.

Deolinda, Movimento perpétuo associativo

https://www.youtube.com/watch?v=3_98xhMguKo

Agora sim, damos a volta a isto
Agora sim, há pernas para andar
Agora sim, eu sinto o optimismo
Vamos em frente, ninguém nós vai parar
Agora não, que é hora do almoço
Agora não, que é hora do jantar
Agora não, que eu acho que não posso
Amanhã vou trabalhar

ECO-REBEL

Agora sim, temos a força toda
Agora sim, há fé neste querer
Agora sim, só vejo gente boa
Vamos em frente e havemos de vencer
Agora não, que me dói a barriga
Agora não, dizem que vai chover
Agora não, que joga o Benfica
E eu tenho mais que fazer
Agora sim, cantamos com vontade
Agora sim, eu sinto a união
Agora sim, já ouço a liberdade
Vamos em frente e é esta a direção
Agora não, que falta um impresso
Agora não, que o meu pai não quer
Agora não, que há engarrafamentos
Vão sem mim, que eu vou lá ter
Vão sem mim, que eu vou lá ter

12. Conclusão: o meu *topos*

Em suma, e recorrendo agora à teorização da escola ecolinguística de Odense (BANG et alii, 2007, entre outros trabalhos), que valoriza muito o contexto, o meu *topos* durante o tempo necessário para a árvore no início deste texto crescer (quase 25 anos), resume-se aos seguintes elementos essenciais:

Criei quatro adoráveis rapazes. Lutei contra a incineração de lixo nos media e em casa. Fiz o meu doutoramento, mas fui provavelmente demasiado «emocional» para alguns destinatários (hoje sabe-se que há diferentes estilos, até académicos, entre culturas diferentes e até entre homens e mulheres). Tentei criar nos alunos e na família a consciência de que é preciso evitar o lixo. Dei as minhas aulas, por vezes com muito poucos alunos de alemão (eis uma consequência da perda do Goethe Institut na cidade de Coimbra e da proibição de turmas de alemão no ensino básico e secundário com menos de 20 alunos). Lecionei, não obstante, a alunos de outras áreas das humanidades, e a estrangeiros também. Escrevi bastante, mas não consegui acabar inúmeros textos: continuo, todavia, a tentar. Não viajei lá muito, mas entreguei-me, dir-se-ia que quase clandestinamente, a alguma poesia. Tenho em todo o caso a certeza de que aprendi muito. Fui ao longo dos tempos ficando mais velha e desajeitada. Fiz alguns desenhos, sobretudo após partir um braço. Faço há décadas composto no meu jardim e aprendi também a fazer pão. Cozinhei e limpei a casa (uma casa com cisterna e um sistema de arrefecimento passivo, isto é, sem recurso a eletricidade). Ajudo a família e sou ajudada por eles.

ECO-REBEL

À minha maneira tentei, enfim, mudar o mundo um bocadinho. Considero que este meu incessante tentar é o meu maior triunfo. Assim, o título «tentar já é triunfar» indicia que nem sempre fui bem-sucedida (versão otimista!). Ou então que raramente fui bem-sucedida (versão pessimista!). A verdade, porém, está no meio: aguentei muito, mas (realisticamente) valeu a pena. Se não tivesse valido a pena, e se não fosse aliás essencial e urgente que valha a pena, não enviaria este texto para publicação.

Referências

BANG, Jorgen Christen; DOOR, Jorgen / STEFFENSEN, Sune Vork; Nash, JOSHUA (orgs.). *Language, Ecology and Society. A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.

CAMPOS, Álvaro de (Fernando Pessoa), «Adiamento»
<https://nossaavenida.wordpress.com/2012/11/11/adiamento-fernando-pessoa-narrado-por-jo-soares-2/>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DEOLINDA, movimento perpétuo associativo
https://www.youtube.com/watch?v=3_98xhMguKo

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Die Geschichte der Wolken. 99 Meditationen*. Suhrkamp, 2003.

_____. Hans Magnus *natürliche Gedichte*. Insel Verlag, 2004.

EVERETT, Daniel. *Don't sleep, there are snakes. Life and language in the Amazonian jungle*. Londres: Profile Books LTD, 2009 (2008).

FAUSTO, Rui; MARNOTO, Rita. *Tempo e Ciência*. Gradiva, 2006.

FERREIRA, Adelaide Chichorro Ferreira. «malícias e carícias do *greenwash*.» Conferência realizada no Goethe Institut em 1992 ou 1993. Manuscrito inédito, 1992/3?.

_____. *As teias de aranha da casa. Contributo para uma ecolinguística intercultural*. Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de doutora, 2003.

_____. «Tempo e Línguas». *Rua Larga* (Revista da universidade de Coimbra), n.º 15, 2007, p. 30.

_____. *Mein Deutsch, und ein bisschen Englisch*. Poemas em alemão e em inglês. Grácio Editores, 2019a.

ECO-REBEL

<https://livraria.ruigracio.com/produto/poemas-em-alemao-e-ingles-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____. *Memória tó(x)nica. As minhas crónicas n'O Figueirense*. Grácio Editores, 2019b.
<https://livraria.ruigracio.com/produto/memoria-tonxica-as-minhas-cronicas-no-figueirense-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____. *Sol na leira e Chuva no nabal. Ensaio de paisagismo meteorológico-literário*. Grácio Editores, 2019c.
<https://livraria.ruigracio.com/produto/sol-na-eira-e-chuva-no-nabal-e-book/>
<https://livraria.ruigracio.com/product-author/adelaide-chichorro-ferreira/>

_____ (ed.) *Dito €-feito: (co)incineração, produção limpa e (crio)reciclagem. Ensaio de Ecolinguística Aplicada*, coordenação de Adelaide Chichorro Ferreira, cadernos do cieq [Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, entretanto extinto], n.º 21, Coimbra, CIEG/MinervaCoimbra. Contém uma tradução duma brochura sobre economia circular, o texto de Hans Schnitzer no fórum contra a co-incineração organizado em Coimbra e uma introdução, por Adelaide Chichorro Ferreira, a esta controvérsia, tal como ela surgia, à época, em alguma imprensa portuguesa e nas campanhas de vários partidos políticos em Coimbra.

_____. Tradução (em verso, e com rima) de: Heinrich Heine: “Sag’ mir, wer einst die Uhren erfund” / “Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios”, *Rua Larga*, n.º 18, 2007, p. 67.

FILL, Alwin. *Ökologistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

_____. (org.), 1996, *Sprachökologie und Ökologistik. Referate des Symposiums Sprachökologie und Ökologistik an der Universität Klagenfurt 27.-28. Oktober 1995*, Tübingen: Stauffenburg, 1996.

1993; MÜHLHÄUSLER, Peter. *The ecolinguistics reader*. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001.

FINKE, Peter. *die Ökologie des Wissens. Exkursionen in eine gefährdete Landschaft*. Munique: Karl Alber Verlag, 2005.

_____. *Citizen Science. Das unterschätzte Wissen der Laien*. Munique: Oekom Verlag, 2014.

_____ 2019, «Linguistics at the end of the Baconian Age, or: Five Essentials of Ecolinguistics», in: Sune Vork Steffensen, *The Aalpiri Papers*. Two critical reflections on contemporary ecolinguistics. With contributions by Peter Mühlhäusler and Peter Finke. Published for the 4th International Conference on Ecolinguistics, SDU, 12-15th of August 2019.

FLANNERY, Tim. *Os senhores do tempo. O impacto do homem nas alterações climáticas e no futuro do planeta*. Editorial Presença, 2005.

ECO-REBEL

HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1999.

HAUGEN, Einar. *The Ecology of Language* (ed. by A. S. Dil). Stanford: Stanford University Press, 1972.

HEINE, Heinrich. «sag mir, wer einst die Stunden erfund?» in: Heinrich Heine, *Neue Gedichte*, Hoffmann und Campe, S. 33, 1844¹.

https://de.wikisource.org/wiki/Sag%2080%99_mir_wer_einst_die_Uhren_erfund

HÖLZER, Sepp. *Permakultur. Praktische Anwendung für Garten, Obst und Landwirtschaft*. Graz-Stuttgart: Leopold Stocker Verlag, 2008⁴.

HUMBOLDT, Wilhelm von. «Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die Geistige Entwicklung des Menschengeschlechtes.» In: *Werke. III. Schriften zur Sprachphilosophie*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MOLLISON, Bill. *Introduction to Permaculture. Tyalgum: Tagari Publications*, 1994.

RÜPKE, Jörg, *Zeit und Fest. Eine Kulturgeschichte des Kalenders*. CHBeck.

THOLSTRUP, Inge Merete Wiig. The language of birth and the birth of language. In: *Language and ecology – Ecolinguistics. Problems, Theories and Methods. Essays for the AILA 1996 Symposium. AILA 1996 XIth World Congress of the International Assotiation of Applied Linguistics*. Bang, J.C., J. Door, R. J. Alexander, A. Fill, e F.C. Verhagen (eds) Jyväskylä, Finlândia, Odense University – Research Group for Ecology, Language and Ideology, p. 71-89, 1996.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Obladen: Westdeutscher Verlag*, 1990.

WEINRICH, Harald. *Knappe Zeit. Kunst und Ökonomie des befristeten Lebens*. München: C. H. Beck, 2004.

Aceito em 03/01/2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 1, 2023.